

José Carlos Seabra Pereira

Coordenação



o mundo
à minha procura

Ruben A.
trinta anos depois
(Estudos)

(Página deixada propositadamente em branco)

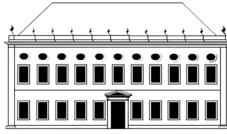
José Carlos Seabra Pereira
Coordenação



mundo
à minha procura

Ruben A.
trinta anos depois
(Estudos)

(Página deixada propositadamente em branco)



D O C U M E N T O S

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Imprensa da Universidade de Coimbra

CONCEPÇÃO GRÁFICA

António Barros

PRÉ-IMPRESSÃO

António Resende

Imprensa da Universidade de Coimbra

EXECUÇÃO GRÁFICA

SerSilito • Maia

ISBN

972-8704-83-6

DEPÓSITO LEGAL

247665/06

© JUNHO 2006, IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

João Ruiz de Almeida Garret

Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra

SOBRE RUBENS A.. ESCOLAR DE COIMBRA

1. Pediram-me que testemunhasse sobre RUBEN A. na época em que estudava em Coimbra. E cumprir o pedido implica necessariamente falar da BABAOU, das suas gentes, do seu quotidiano, do seu «clima» especialíssimo: porque, sendo criação do Ruben, a BABAOU espelhava o que ele era nesses tempos, a levedar o futuro escritor.

Mas falar de RUBEN ANDRESEN LEITÃO na Coimbra dos anos quarenta obriga-me ao contragosto de usar frequentemente a primeira pessoa do singular. É uma indesejada expressão de protagonismo; mas, sem ela, não posso prestar testemunho que valha.

2. Cheguei a Coimbra em Outubro de 42, para cursar Direito. Vinha cheio das ilusórias expectativas que um brilhante secundário alimentava. Vinha para estudar rijo. Recolhida pela tradição oral de familiares, não seduzia o caloiro João a aura da Coimbra académica no seu apregoado fascínio boémio: em vez disso, sonhava entusiasmadamente reencontrar, aprofundado, o ambiente deixado no Porto, em que um conjunto de circunstâncias lhe havia propiciado, adolescente ainda, forte incentivo para aspirações e delitos literários, sob a benévola apadrinhagem de Mestres e Poetas (que também Mestres são!) na fecunda e saudosa tertúlia do MAJESTIC portuense.

Assim, psicologicamente apetrechado, cheguei a Coimbra. Fui um caloiro itinerante nos seus pousos: do Joaquim Antunes, ali, aos Arcos do Jardim e bem perto das antigas Escadas do Liceu, até à República do Rás-te-Parta

na Rua dos Estudos, junto do então ainda erecto Arco do Castelo, passando pelo 16-2.º da Rua Alexandre Herculano, cuja dona porfiava em me meter num clube espírita — fui albergando corpo, trastes e livros durante quase seis meses. Como agora se usa dizer, tive uma experiência enriquecedora, que incómodos, vexames e derrotas também fazem capital.

Na sequela de uma violenta reacção a exageros cabotinos de praxe anacrónica e estúpida, abandonei a República quase ao chegar das férias da Páscoa.

3. E ainda bem! Sabedor dos meus incidentes anti-praxistas, um Colega de Curso, Carlos Lobo, convidou-me a ingressar numa casa de estudantes, onde ficara vago um quarto pelo precoce regresso à sua Lisboa de um dos cinco que, meses antes, se haviam juntado. Assim aportei à BABAOU no fim da Páscoa de 43.

4. O que era a BABAOU? Não era uma «república» no sentido coimbrão tradicional: era uma casa de estilo familiar, que cinco sujeitos haviam constituído nos começos desse ano. Instalaram-se num confortável andar no Largo de Santana 16-2.º, arrendado ao Marta dos sabões; contrataram uma Senhora Maria sessentona e decoraram a parte comum da casa (a espaçosa e soalheira sala de jantar e de estar) com apurado gosto, insólito então em residência de estudantes.

Falemos dessa sala, porque foi o palco fundamental da vida da BABAOU.

Num dos seus lados, uma original mesa de pinho em L e um banco corrido de refeitório conventual poderia albergar mais do que os cinco Babaous. Defronte, um largo e cómodo sofá, alegrado com panos garridos, ladeado de cadeiras rústicas a condizer, convidava a serões tranquilos, à luz de um tocheiro feito com uma espingarda antiga; junto, uma instalação de telefonia e gira-discos que era o máximo para aquele tempo.

5. Este era o cenário; olhemos agora para actores. Quem eram as gentes da BABAOU? A alma-mater era um recém-fitado de Letras que, da Faculdade de Lisboa se viera refugiar em Coimbra: chamava-se RUBEN ANDRESEN

LEITÃO. Fora ele quem baptizara a Casa — BABAOU, MAISON SURREALISTE — inspirado num dos mais célebres títulos do movimento sartriano e pomposamente consagrado num belo azulejo à entrada da casa. Também havia sido ele quem agrupara os que o acompanharam nesse primeiro ano: seu primo TOMAZ DE MELLO BREYNER ANDRESEN, também fugido da capital, mas de Direito; mais dois candidatos a juristas, alunos do primeiro ano: CARLOS DE LACERDA FERREIRA LOBO e um seu amigo íntimo e colega de estudos no Porto, RAUL MANUEL ALVES MACHADO DE OLIVEIRA. Com a minha entrada, o palco ficou todo povoado.

Foi então que o Ruben insistiu em que deixássemos à posteridade documento da BABAOU: tirámos uma solene fotografia de grupo no «Rasteiró» da Avenida Navarro, todos de capa e batina, acompanhando o Ruben, entronizado a meio, imponente com as suas fitas azuis. Só a cronologia da foto impediu que ela consagrasse com autenticidade a BABAOU do Ruben escolar de Coimbra: faltou-lhe a presença do ROGÉRIO GUILHERME EHRHARDT SOARES, entrado após as férias grandes, substituindo o Tomaz, que regressara a Lisboa; ele é um testemunho imprescindível nesta evocação.

6. Temos os cenários mai-los actores. Vamos ao ambiente em que eles se moviam. Por contraposto, terei de atrever-me a expressar a minha opinião sobre o que, então, me pareceu ser grande parte da academia coimbrã desses tempos. Quanto saiba, usarei o rodeante engenho que permita pintar o que deve ser pintado, com a contenção, que é justiça, de não tomar o todo pela parte.

Ora vejamos: naquele tempo, a vida académica de Coimbra estava envolta numa aura de tradição boémia, passada, como lastro de história, de geração em geração de doutores. E isso alimentava uma atracção que Coimbra exercia sobre muitos jovens, as mais das vezes oriundos das províncias, ansiosos por participar também em aventuras como as ouvidas e com vontade de aproveitar a oportunidade para, pelo menos transitoriamente, ganhar uma desejada independência quanto ao meio em que viviam.

Creio sinceramente que radicava aí a disposição com que muitos jovens chegavam à Lusa-Atenas: preparados psicologicamente para apanhar os primeiros «chumbos». Muitos não chegariam a compensar o desaire académico com as sonhadas aventuras metendo fados, Choupal e tricanas. E alguns deles, à falta de melhor, ocupavam os indevidos e alargados ócios na intimidade iniciatória, mas não envergonhada, dos copos e do Terreiro da Erva.

Honrosas excepções à parte (que as havia e fecundas!), na Coimbra desse tempo grassava uma indigência cultural indisfarçável: não era feita apenas de «vazio», mas, o que é bem pior, de total desinteresse. E fico-me por aqui.

7. Nesse meio, a BABAOU era uma «ilha». Não que não houvesse uma ou outra festa orgírica onde o deus Baco fosse devidamente incensado; nem que todos os ocupantes da casa tivessem feito voto de castidade. Mas não eram esses os traços característicos dos BABAOUS, nem sua preocupação obsessiva.

Depois do jantar, a que frequentemente nos acompanhavam alguns amigos, o sofá convidava a um serão adversário de sair à noite. Então, por regra, era um enveredar por acaloradas conversas sobre os livros recém-saídos, as teorias e filosofias que mais marcavam esses tempos, o ouvir música com compenetrada e presumida capacidade crítica. E eram os atrevimentos pelo mundo das artes plásticas, da música, do teatro. No centro de tudo estava quase sempre o Ruben, em posição dialogante, temperada de qualquer manifestação que parecesse de superioridade preceptora.

Era então que se personalizava a BABAOU, com o adensar do seu peculiar ambiente. E as conversas que lhe davam essa vida transportavam ideias, estéticas, tendências, amalgamadas em preocupações de intelectualismo. Preocupações que só não eram pedantes porque a maioria de nós andava pelos vinte anos — idade em que a vida ainda não inquinara a inteligência e a sensibilidade com artificialismos conscientemente preparados. Tudo aquilo era natural, parecia-nos natural. E o culto apaixonado em que nos

amarrávamos aos valores da arte, da literatura, da cultura, não o professávamos para ser servido aos outros, nas vestes de um dandismo de afirmação superior: era apenas para uso próprio, para gozo próprio.

Mas a BABAOU não era uma torre de marfim, um convento fechado em que os seus escolares formassem uma espécie de seita. Todos nós mantínhamos as relações normais de camaradagem que naturalmente se estabelecem entre colegas de Curso e companheiros do Nicola ou da Brasileira. Alguns, poucos, talvez uma que outra vez tivessem frequentado esporadicamente a BABAOU; mas a maior parte era-lhe completamente estranha. Éramos estudantes normais; apenas os interesses que se personalizavam na BABAOU acrescentavam em nós (e em alguns de fora) um outro mundo complementar ao académico.

Nesse mundo complementar, entravam uma ou outra vez, vários amigos, sobretudo do Ruben, que ficavam para jantar ou vinham tomar café e participar nos nossos serões.

E assim, pouco a pouco, a BABAOU foi-se tornando um centro de reuniões, uma importante presença na Coimbra do seu tempo; ia atrever-me a dizer um centro irradiador de interesse cultural.

Mas houve outra via por que a BABAOU teve influência importante: pela sua diferença com as repúblicas tradicionais, justificou-se que os organizadores de acontecimentos artísticos nos pedissem guarida para receber na BABAOU artistas, músicos, actores, homens de letras. Sempre dissemos que sim. Lembro as ceias que gostosamente oferecemos à Helena Sá e Costa depois do seu concerto, ao Maestro Honneger, à Vieira da Silva aquando de uma exposição de obras suas, à Amélia Rey Colaço, ao Pedro Homem de Mello; e a tantos outros.

Recordo muito especialmente a convivência com João Villaret, que tinha vindo dar um espectáculo de declamação no Teatro Avenida. Fomos todos ouvi-lo; e o Ruben, no fim, conseguiu ir até ele e convidá-lo a vir à BABAOU. Aceitou. Oferecemos-lhe uma pequena ceia; quis conhecer a casa e a vida que lá se fazia. E, bem disposto, insistiu em dar connosco uma volta pela

Coimbra antiga. Lá fomos todos com ele, calcorreando as pedras rebo-
ludinhas e gastas da Alta. Quis ver as escadas da Sé Velha onde Antero dizia
os seus versos. E, émulo discreto, não resistiu a declamar, com a sua voz
sonora, o soneto anterior «Na mão de Deus, na sua mão direita».

Mais umas voltas e acabámos por abancar numa das várias tascas que
recordavam os homens da geração de 70. Dizia-se que havia sido a célebre
das Tias Camelas! Sobre a mesa de pinho, juntaram-se os copos, mai-la jarra
de vinho, pratos com bolinhos de bacalhau, fatias de presunto, pão de milho,
azeitonas; e, para os mais audazes, petingas de escabeche e torresmos.

E era um não acabar de perguntas, de sugestões, de versos, de poetas.
O Ruben estava nas suas sete quintas; e nós com ele. Villaret estava feliz,
comeu e bebeu com gosto. Contou histórias e mais histórias da sua experi-
ência de actor, e recitou muito e compenetrado, com uma que outra subida
de emoção aos olhos, ao dizer «A Vida» de António Nobre ou «O menino
de sua Mãe» do Pessoa. Que noite!

Eram quase cinco da manhã quando o deixámos à porta do Astória.

8. Era assim a BABAOU, dentro e fora de portas. E na maior parte desta
fase, a espinha dorsal da BABAOU era o Ruben. Era ele quem empresta-
va às recepções o verbo fácil, a conversa animada e plural consoante os
dialogantes, um que outro fogacho da sua cultura e a sua «verve», os seus
montes de humor, as suas críticas, o seu exibicionismo inato.

Ora, perante tudo o que vivi e aprendi na BABAOU, nestes trinta anos
de ausência do «Rubinho» tenho-me perguntado se no RUBEN ANDRESEN
LEITÃO dessa BABAOU inicial se adivinhava já o escritor que viria a ser o
Ruben A..

Era evidente o seu brilho intelectual, a sua cultura, a escrita escoceita
e fácil, a influência que exercia sobre tantos que, como nós, buscavam a
sua companhia.

A criatividade andava adormecida nos trabalhos históricos sobre as cartas
de não sei que Rainha, texto para a sua tese de licenciatura; mas estava lá,
a forçar protagonismo, a querer realizar-se.

Para nós, habituados à sua convivência cotidiana, aos seus ditos de espírito, às suas brincadeiras, às fraquezas que o levavam a preparar com citações literárias o seu fascínio em passeios de namorico – para nós era quase impossível profetizar o escritor celebrado que viria a ser.

Sem dúvida que os seus genes estavam lá, porque são genes e não medram e frutificam em terreno pedregoso não cultivado; e o Ruben cultivava-o empenhadamente. Mas não nos era possível penetrar no secretismo do seu verdadeiro íntimo; e é nele que se gera a frutificação virtual.

No entanto, da convivência cotidiana retirei alguns traços que, talvez, me tivessem ajudado à profecia; mas (confesso a culpa da minha inabilidade!) não os soube interpretar então.

O nosso Rubinho era de um dandismo queirosiano: tinha o pendor narcísico que não passava despercebido. Tinha humor, humor aos montes, humor franco e aberto, encharcado por vezes de sarcasmo não maldoso debitado em gargalhadas críticas. Era um intelectual e adorava que como tal o considerassem.

Tinha uma profunda ânsia de viver; de viver com classe — uma classe global, inteira, que possuía inatamente e cultivava com empenho, uma classe que, nele, não tinha nada a ver com os comportamentos singulares em que é uso extravasar-se e perder-se; e, no entanto, cultivava esses comportamentos quando lhe parecia necessário. Todavia, tudo isso se sublimava em posições de espírito superior, exigidas pelo seu gozo próprio, pela sua auto-aclamação.

E sendo tudo isto, era um extrovertido, ou parecia ser um extrovertido. Mas no fundo, bem lá no fundo, detestava dar-se a conhecer facilmente. Gostava ansiosamente de viver, com a sua classe reconhecida, mas num mundo em que muito de si continuasse enigma.

Propendo hoje a considerar que «O Mundo à minha procura» do Ruben A. é uma forma adulta do pré-adulto Rubinho se sentir narcisicamente procurado, esforçadamente desvendado.

Nos tempos da BABAOU, essa ânsia de vida e o mistério dos seus secretismos já existiam no RUBEN ANDRESEN LEITÃO, mas em forma larvada, desperdiçados em frases sonantes, em sentenças críticas, em gestos condizentes. Porque o Rubinho desses tempos era um diletante, um diletante que fazia corresponder o seu narcisismo, as suas sentenças, sei lá, as suas convicções à figura do homem dandy, que, pelas manhãs, passeava o corredor da casa envolto no seu roupão de seda, «cache-nez» a acariciar o pescoço e um lenço encharcado de água-de-colónia que cheirava com êxtase.

Era este o Ruben, escolar de Coimbra e senhor na BABAOU.

Entregava-se, com escrúpulo e empenho de preceptor dissimulado, a estimular os colegas nas suas andanças culturais, a guiar criticamente as suas leituras, a incentivar reflexões, a alimentar controvérsias, a interessar-se pelos que escreviam.

Rodeando-se, sem o confessar, de uma intimidade selectiva, era uma fonte inesgotável de amizade. E acreditava no poder da amizade.

Cultivava sinceramente que com amizade se pode dar tudo, porque se pode comunicar espírito, que é tudo.

Em algo eu teria de discordar dele: pela amizade, pode dar-se tudo?

Tudo, menos o talento.

O Rubinho foi muito meu amigo.

Rabiscado em Abril de 2005.

(Página deixada propositadamente em branco)

Série
Documentos

•

Imprensa da Universidade de Coimbra
Coimbra University Press

2006

